

O Cardeal Carlo Maria Martini (In memoriam)¹

Maurice Gilbert*

À tarde de sexta feira, 31 de agosto de 2012, pelas 15.15, na enfermaria do Aloysianum de Gallarate, perto de Milão, o cardeal Martini, que tinha recusado todo tipo de refinamento terapêutico, retornou à Casa do Pai. Uma voz doce e forte extinguiu-se na Igreja, e o mundo inteiro, inclusive Israel, tomou consciência desse fato com pesar e um imenso reconhecimento.

Quem aqui escreve esteve próximo a ele durante quarenta e cinco anos e viveu a seu lado por dois períodos, de 1967 a 1979, em Roma e, depois, de 2002 a 2008, em Jerusalém, quer dizer nos anos mais férteis do biblista, e nos primeiros anos do arcebispo emérito, durante os quais ele se defendia corajosamente contra a enfermidade, o Parkinson, que finalmente o levou.

Trinta e cinco anos na Companhia de Jesus

Seu percurso foi linear, no sentido ascensional. Nascido em Turim, em 15 de fevereiro de 1927, ele entrou para a Companhia de Jesus na mesma cidade, em 29 de setembro de 1944. Frequentou o currículo clássico de então, mas não fez a regência como escolástico, passando diretamente da filosofia à teologia. Desses estudos, não guardava muito boa lembrança. Estava-se ainda longe do Vaticano II. Entretanto, ele havia descoberto o pensamento do Pe. Joseph Maréchal, o metafísico de Louvain, graças a um de seus discípulos, André Hayen, cuja tese tratava da *Intencionalidade em São Tomás*. Quanto à teologia, para sair do ensino esclerosado que recebeu em Chieri, às portas de Turim, ele confessou que depois teve de recomeçar tudo, e o Concílio lhe trouxe o que procurava.

* Maurice GILBERT é jesuíta, professor emérito do Pontifício Instituto Bíblico, especialista dos livros sapienciais, atualmente reside no Luxemburgo.

¹ Crônica, publicada na RIVISTA BIBLICA da Associação Bíblica Italiana, ano 40 (2012), n. 3, pp. 435-441, traduzida do francês por Ney Brasil PEREIRA.



Ordenado presbítero em 13 de julho de 1952, com vinte e cinco anos, coisa rara entre os jesuítas, completou a formação normal que a Companhia oferece a seus membros. Destinado a ensinar a Escritura, de 1954 a 1956 frequentou o Pontifício Instituto Bíblico de Roma, conseguindo a Licença em ciências bíblicas. Esses foram os anos em que o Pe. Stanislas Lyonnet publicava trabalhos renovadores na exegese paulina. Martini revelou-se um aluno extraordinariamente brilhante, e foi com o Pe. Lyonnet que redigiu sua monografia sobre a 2ª carta aos coríntios.

Mas não prosseguiu no Instituto Bíblico. Pensando que, se ele fizesse um doutorado no Instituto, não voltaria mais para Turim, seu Provincial enviou-o a fazer um doutorado em teologia na Gregoriana. Esse doutorado, terminado em 1959, estudava *O problema histórico da Ressurreição nos estudos recentes* (AnGr 104). Durante o verão de 1959, participou da 36ª caravana organizada pelo Instituto Bíblico na Terra Santa. Foi então que correu um grave perigo no poço de El Gib, a antiga Gabaon: esse episódio foi comentado em seu livro *Verso Gerusalemme* (Milão 2002).

De retorno a Turim, fez parte do corpo dirigente do teólogo dos jesuítas em Chieri; foi Superior dos escolásticos, bibliotecário, e professor de teologia fundamental. No mesmo ano de 1959, Pe. Ernesto Vogt² sucedeu ao Pe. Augustin Bea, futuro cardeal, como Reitor do Instituto Bíblico. Ele me comentou que achava Martini mal aproveitado em Chieri. E que fora pessoalmente falar com o Padre Geral John Janssens, a fim de pedir-lhe que fizesse Martini voltar ao Bíblico, o que de fato aconteceu em agosto de 1962.

Durante o ano acadêmico de 1962-63, Martini completou, sempre brilhantemente, o programa do curso preparatório ao doutorado. E passou o ano acadêmico seguinte, 1963-64, em Münster, na escola de Kurt Aland. Foi lá que o especialista nos Atos dos Apóstolos, E. Haenschen, lhe fez notar o aparecimento do papiro Bodmer XIV, contendo uma parte importante dos evangelhos de Lucas e de João. Haenschen fez-lhe notar a semelhança entre o texto desse papiro e o do Códice Vaticano: assunto para uma tese de crítica textual, imediatamente assumido por Martini, primeiro na forma de dissertação. Logo em seguida, pôs-se a trabalhar

² Jesuíta alemão, que nas décadas de 40 e 50, com muito sucesso, lecionou Exegese Bíblica no Seminário Maior de São Leopoldo, RS. Ainda no Brasil, publicou a sua preciosa tradução dos SALMOS, com comentário, terminada em 1947 e publicada pela LEB (Liga de Estudos Bíblicos) em 1951, em São Paulo, na col. "Arma Lucis", Publicações da PUCSP.



na redação da sua tese doutoral, que defendeu no Bíblico em 12 de maio de 1965, com o título: *Il problema della recensionalità del codice B alla luce del papiro Bodmer XIV* (AnBib 26, Roma, 1966). Nessa tese ele demonstrou que o Códice Vaticano apresenta um texto dos evangelhos já fixado cerca do ano 200, mais próximo das origens cristãs do que se pensava. Nesse meio tempo, ele havia preparado uma nova edição do *Novum Testamentum Graece et Latine* do Pe. Augustin Merk. Em 1968, publicou as cartas de Pedro tais como estão no papiro Bodmer VIII, que a Biblioteca Vaticana acabava de receber. Entende-se então por que, no mesmo ano de 1968, Martini passou a integrar a comissão ecumênica que editava *The Greek New Testament*, sob a coordenação de Kurt Aland.

Sua vida ia tomar, entretanto, outra direção. Em 10 de dezembro de 1967, foi eleito decano da faculdade bíblica do Instituto. Por ocasião da ebulição estudantil de maio de 68, ele tomou a iniciativa de convidar os estudantes do Instituto a participarem da reforma de seus estatutos; no mesmo mês, Paulo VI acabava de publicar suas *Normae quaedam*, com diretivas para tal reforma. Ninguém se espantou então quando, em 7 de outubro de 1969, ele foi nomeado reitor do Instituto. E nesse cargo permaneceu até 26 de julho de 1978.

Durante seu longo reitorado, Martini mostrou do que era capaz: discernimento e criatividade, doçura e firmeza, audácia e atenção fraterna, abertura ao mundo e uma arte consumada de governo. Renovou os edifícios do Instituto em Roma e também em Jerusalém, pois era o responsável por ambas as sedes. Ele é quem teve a ideia de pedir à *Hebrew University of Jerusalem* que oferecesse um programa especial aos estudantes do Instituto, programa que ainda continua, com satisfação de ambas as partes: foi esse o primeiro contacto direto entre as duas instituições acadêmicas, dependendo, uma, do Estado de Israel e a outra, da Santa Sé. Contactos ecumênicos no Oriente como no Ocidente; comunicações em congressos internacionais, propagando um vivo interesse pelo uso da Escritura na vida da Igreja, segundo o que recomendava o capítulo VI da constituição *Dei Verbum* do Vaticano II; ao mesmo tempo, numerosas sessões de exercícios espirituais bíblicos sobre os evangelhos, publicando posteriormente seu conteúdo. Quanto a comentários exegéticos, escreveu só o dos Atos dos Apóstolos, publicado em 1970.

Os últimos meses do seu reitorado o deixaram esgotado, à beira da depressão, segundo o que me confiou em abril de 1978, quando o Padre Geral Pedro Arrupe propôs para ele o reitorado da Universidade Gregoriana, o que de fato sucedeu em setembro daquele ano; foi, aliás,



uma das últimas decisões de Paulo VI. Na Gregoriana, Martini desfrutava de grande autoridade moral, a tal ponto que em certo momento foi incluído numa lista de vítimas potenciais das Brigadas Vermelhas. Entre suas realizações nesse novo posto, é preciso destacar a criação do Conselho dos decanos das faculdades, a fim de fazer o reitor sair de um certo isolamento que ele havia sentido no Bíblico.

Tudo balançou em dezembro de 1979. No começo do mês, voltando com ele de uma reunião na Cúria Generalícia dos jesuítas, disse-lhe que, a meu ver, a sua carreira científica estava chegando ao fim, e que seria bom editar uma boa coletânea dos seus melhores artigos. Curiosamente, ele concordou na hora. É a origem do volume intitulado *La Parola di Dio alle origini della Chiesa* (AnBib 93, Roma, 1980), título escolhido por ele. Fiz a apresentação desse volume em *La Civiltà Cattolica* 132 (1981), 462-469. No dia 15 de dezembro, João Paulo II veio à Gregoriana e ao Bíblico. Na Gregoriana, a saudação ao Papa foi proferida pelo reitor Martini, inspirando-se no v. 26 do Salmo 118: “Bendito o que vem em nome do Senhor”. Normalmente, a saudação deveria ser feita pelo Padre Geral, mas o Vaticano tinha requerido essa inversão protocolar; havia já alguma coisa no ar, e o abraço caloroso que o Papa deu ao reitor no momento da saída foi um presságio. Alguns dias mais tarde, Martini soube que estava sendo pensado para a sé arquiépiscopal de Milão. O Cardeal Wojtyla o conhecia desde 1972. Martini foi consultar seu padre espiritual, Pe. Michel Ledrus, e o Padre Geral; ambos acharam a proposta excelente. Entretanto, Martini, talvez um pouco inseguro, obteve uma audiência do Papa, a quem abriu o coração lealmente, argumentando que, entre outras coisas, como professo da Companhia de Jesus, havia feito voto, em 2 de fevereiro de 1962, de jamais aceitar uma prelatura, a não ser que a obediência o obrigasse. No final da conversa, João Paulo II confirmou a nomeação e Martini aceitou. Em 29 de dezembro, a notícia tornou-se oficial e Martini deixou logo o seu cargo de reitor. Alguns dias mais tarde, me segredou: “Você sabe, até que me agrada ser bispo”. O Papa o ordenou na basílica de São Pedro, em 6 de janeiro de 1980. Um detalhe que ainda guardo desse dia: para a cerimônia, ele engraxou bem seus sapatos, mas, quando se prostrou para a Ladainha dos Santos, sua irmã, que não estava longe, observou que suas meias estavam furadas... Martini foi sempre sóbrio e pobre. Ele o demonstrou a seguir, em Milão.

Ainda uma lembrança. Alguns dias após sua ordenação episcopal, voltávamos de L’Aquila, onde o bispo local lhe havia oferecido um



banquete como forma de agradecimento pelo apoio que ele dera ao *Studio Biblico Teologico Aquilano*. Paramos no caminho para abastecer, e enquanto o motorista o fazia, Martini me disse que estava pensando em reunir os jovens de Milão no *Duomo* (a Catedral), para ajudá-los a descobrir a Escritura e lhes mostrar o caminho da oração. De fato, chegando a Milão em 15 de fevereiro, ele começou, um mês mais tarde, a realizar seu projeto. Como se sabe, foi um enorme sucesso, a ponto de atrair junto ao arcebispo cinco ou seis mil jovens, cada mês, durante vários anos.

Vinte e dois anos e meio na Sé de Milão

O biblista que João Paulo II havia escolhido pessoalmente para a Sé de Milão estava preparado, e ia demonstrá-lo rapidamente. Não era só um especialista em crítica textual do Novo Testamento, mas também – suas intervenções escritas e orais o tinham revelado – um homem de Deus que se situava na linha do capítulo VI da *Dei Verbum*: tal era mesmo seu projeto pastoral fundamental.

Se tinha dado provas da sua capacidade de governar, Martini era também um homem de diálogo, não só com os que ele devia dirigir, mas igualmente nos meios ecumênicos, como com os representantes do judaísmo. Poliglota, podia dialogar com cada um, e a sua palavra, sempre compreensível e de rara segurança, tocava os jovens, os seminaristas romanos, os pobres aos quais havia servido na comunidade de Santo Egidio. Era também um mestre espiritual: já havia dado os exercícios espirituais a comunidades religiosas, a partir de cada um dos evangelhos, que ele situava em um itinerário espiritual preciso:

“A primeira etapa é a do catecumenato, que se pode pôr em relação com o evangelho de Marcos, o evangelho da ‘iniciação catecumenal’. A segunda etapa é a da ‘iluminação’ ou do batismo, em relação com o evangelho de Mateus, o ‘evangelho da Igreja’, porque ele contém tudo o que é necessário para inserir o novo batizado na comunidade. A terceira etapa é a da ‘evangelização’ ou do testemunho, em relação com o evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos, nos quais está contido tudo o que contribui para a formação do evangelizador. A quarta etapa é a do ‘sacerdócio’ ou do ‘cristianismo adulto’, em relação com o evangelho de João, porque ele contém o que pode educar para a maturidade da fé, para o ‘sacerdócio’ cristão” (Bibbia e vocazione, Brescia, 1983, cap. 3).



Sensível, Martini punha-se à escuta do outro com simplicidade. Com uma calma imperturbável, ao menos aparentemente, ele compreendia as situações difíceis e podia restabelecer a paz ou reconduzir cada um ao bom caminho. Tinha escolhido como lema episcopal uma frase de São Gregório Magno: *pro veritate adversa diligere*, “pela verdade, amar a adversidade”. Diante das dificuldades e mesmo das oposições, aprendeu a aceitá-las e mesmo a amá-las, mesmo atendo-se ao que, nas suas escolhas, ele considerava ser verdadeiro. Firmeza no essencial, suportando pacientemente o que pudesse contrariá-lo.

Audacioso, a ponto de provocar, escreveu logo uma carta pastoral a seus diocesanos, sobre *A dimensão contemplativa da existência*. Ele sabia que falava diretamente a esses milaneses tão ufanos de sua característica industrial, e foi bem acolhido.

Homem livre, e entretanto disposto a servir, disse-nos um dia, no Instituto Bíblico, pouco depois de sua posse em Milão: “Para um jesuíta, a responsabilidade episcopal não deveria prolongar-se além de uma quinzena de anos, o tempo de dar o melhor de si”. Ficamos surpresos, mas, coerente consigo mesmo, ele apresentou sua demissão a João Paulo II em 1995. Evidentemente, o Papa não a aceitou.

Em apenas três anos de episcopado, durante os quais se empenhou com toda a força da sua juventude, ele havia conquistado a confiança e o respeito dos milaneses, e do Papa. Quando, em 2 de fevereiro de 1983, João Paulo II lhe entregou o barrete cardinalício, a diocese de Milão publicou uma brochura *in-quarto* de cinquenta páginas, intitulada: *Carlo Maria Martini, Cardinale Arcivescovo di Milano, 2 Febbraio 1983*. Esse fascículo continha cerca de vinte depoimentos sobre a ação do arcebispo em todos os ambientes de sua enorme diocese e, em cada página, fotografias o mostravam em plena ação.

Em seu último livro, *Il Vescovo*, aparecido em dezembro de 2011, escreveu: “No mundo contemporâneo e pós-moderno, não encontro só conotações negativas. Pelo contrário, parece-me um mundo que obriga a ser sério nas intenções e ações” (p. 90). Confissão importante do que ele vivia diariamente.

Nesse mesmo livro, pouco volumoso, tão denso de sua longa experiência e no entanto acessível a todos, há também um capítulo no qual ele explica como o episcopado não consiste antes de tudo em governar, mas em proclamar o Evangelho:

“Parece-me que, acima de tudo, se deve apresentar a figura do bispo como um servidor da Palavra de Deus. Durante a ordenação, é colocado sobre a sua cabeça o livro dos Evangelhos. É um bellissimo símbolo: significa que ele deve ter o Evangelho dentro



de si mesmo e portanto ser um Evangelho vivo. Ele se lhe submete em todo sentido: sua palavra deve fazer repercutir o Evangelho e cada gesto seu deve ser uma realização do Evangelho. Eis porque é útil que ele se pergunte, acima de tudo, antes de qualquer ação ou pregação: ‘Quid hoc ad Evangelium?’ Isto é: ‘O que estou para fazer ou dizer, que relação tem isso com o anúncio do Evangelho?’” (pp.38-39).

Em 22 de maio de 2002, três meses e meio antes de se tornar emérito, Martini encontrou-se com os estudantes do Instituto Bíblico, entretendo-se com eles sobre “a importância da Escritura na vida daquele que crê”. Depois de ter aludido a todo o trabalho de pesquisa sobre os textos bíblicos que ele mesmo havia realizado no Instituto, reafirmou como o capítulo VI da *Dei Verbum* tinha continuado a inspirar o seu ministério da Palavra em Milão, especialmente o n. 25 do texto conciliar, que resumiu assim: “Todo cristão deve adquirir uma familiaridade orante com a Escritura”. Enquanto bispo, ele o havia experimentado em três campos, que ficam como lembranças indelévels de sua atividade pastoral:

1. *A Escola da Palavra para os jovens*. Lembrei acima que esse projeto lhe veio em mente, apenas ordenado bispo. A centenas, milhares de jovens, ele ofereceu uma abordagem da Escritura a partir do texto. Seu método comportava três etapas: a *lectio*, para compreender verdadeiramente o texto e acolhê-lo naquilo que ele diz realmente. Depois, a *meditatio*, consistindo em deixar-se penetrar por uma apreensão interior e uma acolhida em profundidade. Enfim, a *contemplatio*, voltando-se para o Senhor para louvá-lo e suplicar.
2. *Os exercícios espirituais*. Martini deu tantos, comentando figuras bíblicas maiores, como José, filho de Jacó, posto em paralelo com Inácio de Loyola – retiro dado aos jesuítas da Califórnia – ou os acontecimentos fundadores da vida do Senhor, como a Transfiguração, ou ainda textos com o 1ª carta de Pedro, que ele havia estudado de modo crítico. Seguiu sempre o método de Inácio de Loyola, do arrependimento à oferta de si para seguir o Senhor mais de perto.
3. Mesmo a *Cátedra dos não crentes*, que reuniu certa de duas mil pessoas em seus últimos anos em Milão, nasceu desta palavra do descrente do Sl 14,1: “Deus não existe”. O bispo adentrava um caminho “inquietante”, no sentido forte da palavra, como repetia: tratava-se de escutar atentamente quais as razões pelas quais os descrentes se diziam tais, para fazê-los depois dialogar com os crentes, ele mesmo apresentando as conclusões. Diálogos graves, sérios, e sobretudo respeitosos de uns e de outros.



Sendo útil recordar algumas das atividades do cardeal milanês, eu assinalaria o dia em que as Brigadas Vermelhas lhe entregaram as armas. Lembraria também que, de 1987 a 1993, esse poliglota presidiu o Conselho das Conferências Episcopais Europeias; e, nessa condição, com a Conferência das Igrejas da Europa e a seu pedido, ele participou da organização, em Basileia, do primeiro *Encontro Ecumênico Europeu* desde o século XVI; o tema era “A justiça e a paz”, partindo do texto do Sl 85,11: “Justiça e Paz se abraçarão”; foi ele quem falou por primeiro e, no fim, formulou as conclusões desse Encontro que reuniu mais de 700 participantes. Enfim, ele estava em Jerusalém no dia 1º de fevereiro de 1994, no encontro de mais de 500 *Líderes religiosos numa sociedade secularizada*; falou na primeira noite do congresso e traçou o retrato do líder religioso: servo, mais que chefe, sempre confiando em Deus que salva a humanidade, portanto, homem de oração, cheio de esperança e de paz. Era seu próprio retrato.

Para saber mais sobre suas atividades e relações pessoais em Milão, pode-se ler algumas coletâneas de testemunhos publicados após sua partida. Penso nos seguintes: Luisa Bove, *Carlo Maria Martini. Una voce nella città*, Saronno, 2003; Damiano Modena, *Carlo Maria Martini. Custode Del Mistero nel cuore della città*, Milano, 2005; Marco Vergottini et al., *Affinchè la Parola corra. I verbi di Martini*, Milano, 2007; Giuliano Vignini (ed.), *Carlo Maria Martini. Incontro al Signore risorto*, 2 vols., Milano, 2007: excertos das melhores páginas do cardeal, tiradas dos numerosos exercícios espirituais dados por ele.

Volta por dez anos para a Companhia

Tendo tomado posse, na Sé de Milão, o seu sucessor, o cardeal retirou-se para o Instituto Bíblico de Jerusalém. Ele esperava terminar seus dias na Cidade Santa e aí ser sepultado. No centro de seu brasão episcopal, havia colocado três corações: as três cidades que amava, Roma, Milão, Jerusalém. Chegando aí em setembro de 2002, após alguns anos teve de retornar para a Itália, pois sua enfermidade necessitava de mais cuidados.

Em Jerusalém, mergulhou mais intensamente na oração e no silêncio, mesmo atendendo a alguns pedidos de exercícios espirituais. Em 2007, não se sentiu mais em condições para dá-los a um grupo de padres milaneses que ele havia ordenado dez anos antes; pediu-me que o substituísse, o que fiz, um pouco preocupado, sobre o tema de “Jesus Sabedoria” a partir da Bíblia. Ele confessou-me não ter jamais pensado nesse tema. No fim do retiro, ele os recebeu e percebi então como ha-



via sido um pai para seus padres, uma experiência, disse-me ele, que a Companhia de Jesus não conhece.

Em Jerusalém, dedicou-se ao hebraico moderno, que conseguiu conhecer suficientemente para poder celebrar a Eucaristia também nessa língua. Foi assim que celebrou diante de um grupo de estudantes judeus da Universidade Hebraica, desejosos de conhecer o mistério cristão.

Retornou à crítica textual. Em Roma, o Vaticano desejava refazer a edição do papiro Bodmer contendo as duas cartas de Pedro. Martini pensou que seria fácil: acreditava ter-se escrito pouco sobre o assunto depois da primeira edição de 1968. Aceitou que eu investigasse as bibliografias recentes e eu lhe mostrei uma dezena de trabalhos que ele desconhecia e que levou em conta. Em 2003, publicou então sua nova versão das *Beati Petri Apostoli Epistolae ex Papyro Bodmeriana VIII Transcriptae. Introductio, Textus et Apparatus*. João Paulo II mandou que se oferecesse um exemplar aos cardeais vindos a Roma para celebrar o 25º aniversário de sua eleição ao pontificado, mas esqueceu-se de enviar um ao autor-editor, que finalmente recebeu-o do bibliotecário da Vaticana.

Havia outro projeto de crítica textual, o de analisar as notas marginais do Códice Vaticano, com a esperança de aí se encontrar alguns indícios da história anterior do manuscrito. Mas a tarefa era grande demais, e ele não a pôde concluir.

Excepcionalmente, Martini aceitou o doutorado *honoris causa* da Universidade de Belém e, depois, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Em janeiro de 2008, esta última organizou um colóquio interconfessional sobre a “Intercessão”. O cardeal deu uma conferência pública sobre o assunto: tratou-o com profundidade e, diria, com a autoridade de quem sabe do que está falando. Foi impressionante.

Durante os cinco anos e meio que passou em Jerusalém, ele precisava ir a Roma a cada quatro meses. Tinha, portanto, um alojamento reservado com os jesuítas de Galloro, nos *Castelli romani*. Quando teve de deixar definitivamente Jerusalém, por razões de saúde, partiu sobre a ponta dos pés. Foi em 27 de março de 2008. Cheguei tarde demais para saudá-lo: muito emocionado, provavelmente decidira evitar as despedidas.

Tendo retornado a Galloro, teve de deslocar-se logo para a comunidade dos jesuítas idosos, em Gallarate, perto de Milão. Apesar da perspectiva de aí terminar sua vida, ele estava satisfeito por estar novamente na sua diocese e, ao mesmo tempo, numa casa da Companhia.



CRÔNICAS DA FACASC E DO ITESC

Aula Inaugural e início das aulas

A Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC) e o ITESC (Instituto teológico de Santa Catarina) retomaram suas atividades acadêmicas no dia 14 de fevereiro. Na parte da manhã houve a aula inaugural sobre “Juventude e Igreja em Santa Catarina”, desenvolvida pela Coordenação da Pastoral da Juventude de Santa Catarina, nas pessoas de Uilian Dalpiaz e Rodrigo Szymanski. Neste ano que a Igreja do Brasil dedica à juventude e no qual acontece, em julho, no Rio de Janeiro, a Jornada Mundial da Juventude, a FACASC quer estar atenta com este grande sinal dos tempos que é a presença, a vocação e a missão dos jovens na Igreja e no mundo. Ainda na parte da manhã houve o coquetel de acolhida dos 27 estudantes do 1º. Ano do curso de bacharelado em teologia, com todos os estudantes, funcionários, formadores e professores e, por fim, a celebração eucarística de abertura do ano acadêmico, o 41º do ITESC e 2º da FACASC. A parte da tarde foi dedicada à recepção dos estudantes do 1º. Ano, aos quais foram apresentados dados importantes da vida da FACASC e do ITESC: história, objetivos, dados do regimento, infraestrutura, direção e administração, núcleos e Diretório Acadêmico. “Ao acolher a toda a comunidade acadêmica da FACASC e do ITESC, a direção deseja que todos – professores, alunos e funcionários –, confiantes no Deus de nosso passado, de nosso presente e de nosso futuro, tenhamos um abençoado e proveitoso Ano Acadêmico de 2013” diz Pe. Vitor Feller, diretor da Instituição.

Pós-graduação em juventude, religião e cidadania

Teve início no dia 1º de fevereiro o curso de pós-graduação (especialização *lato sensu*) em “Juventude, religião e cidadania” oferecido pela FACASC. Participam do curso um total de 38 alunos, a maioria jovens, provenientes de todo o Estado catarinense e de outras partes do país. Na primeira etapa os participantes trataram sobre Metodologia da Pesquisa, Teologia da Libertação, Aspectos históricos, socioculturais e teológicos da juventude, e Juventude e diálogo inter-religioso: matrizes culturais e religiosas do Brasil. Os estudantes retornarão, na segunda etapa, durante a primeira quinzena de julho para tratar dos seguintes temas: Psicopedagogia e metodologia do trabalho com a juventude, Direitos humanos e direitos da juventude, Sociologia da Religião e da Juventude, Organizações e Movimentos Juvenis. A coordenação do curso está a cargo



de Pe. Gilberto Tomasi, Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela PUC, São Paulo. O curso foi concebido, segundo ele, com o objetivo de “capacitar jovens para o exercício da cidadania, para a proposição e defesa de políticas públicas em favor da juventude, para a urgência de reunir jovens em grupos e em redes de comunhão e de comunicação, na busca de solução para seus problemas cotidianos e estruturais”.

Formação continuada dos professores da FACASC

Nos dias 20, 21 e 22 de fevereiro de 2013 os professores da FACASC (Faculdade Católica de Santa Catarina) se reuniram para a formação continuada do Corpo Docente. Esta é a primeira etapa formativa do ano. No primeiro dia, 20/02, o tema centrou-se no sentido da CPA (Comissão Própria de Avaliação): relação com o SINAES e INEP, aspectos avaliados pela CPA, relação da CPA com os gestores da FACASC etc. No segundo dia, 21/02, os professores receberam treinamento para a utilização do sistema UNIMESTRE – um sistema integrado de gestão educacional, que possibilita acesso ao Plano de Ensino, ao Diário de Classe (com inserção de conteúdos, notas e frequências), à Avaliação Institucional e à interação entre professores e alunos como também entre os diversos organismos da Instituição. O terceiro dia, 22/02, foi dedicado às políticas de ensino, pesquisa e extensão. A formação permanente e sistemática dos professores é uma prática da FACASC que dá continuidade à prática que já havia sido consagrada pelo ITESC. A próxima etapa da formação continuada do Corpo Docente deverá acontecer nos dias 14 a 16 de agosto.

Cursos de extensão na FACASC

A Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC – tem a função de oferecer formação teológica nos diversos níveis. Dando continuidade aos Cursos de Extensão oferecidos pelo ITESC desde sua fundação, a FACASC assumiu, desde 2012, a formação de lideranças nas áreas: teológica, bíblica, litúrgica, catequética e de canto e música litúrgica. Quer desta forma colaborar com uma resposta efetiva aos apelos e indicativos dos diversos documentos da Igreja, que insistem na formação adequada e contínua dos fiéis leigos e leigas, que muito contribuem na evangelização das comunidades eclesiais. O *Documento de Aparecida* pede que todas as instâncias da Igreja favoreçam a seus membros um itinerário de formação. Em consonância com a teologia do *Concílio Vaticano II* e sua eclesiologia da comunhão, a Igreja do terceiro milênio



deverá ter, cada vez mais, um rosto marcadamente laical, onde leigos e leigas desempenham suas funções, fazendo transparecer o rosto do Povo de Deus, todo ele sacerdotal, régio e profético, e também carismático e ministerial. Na fidelidade à sua missão, contando com a competência de seus professores e outros colaboradores convidados, a FACASC oferece, às segundas-feiras à noite, diversas oportunidades para que os membros das paróquias e comunidades, dos movimentos e pastorais, dos organismos e serviços eclesiais da Grande Florianópolis, mantenham-se atualizados em sua formação teológico-bíblico-pastoral. Neste ano de 2013, esses cursos tiveram início na noite do dia 25 de fevereiro, com uma exposição geral sobre o tema da Campanha da Fraternidade, desenvolvido pelo Pe. Josemar da Silva, responsável pelo Setor da Juventude da Arquidiocese de Florianópolis. Além desses cursos oferecidos em sua sede, a FACASC se dispõe a certificar cursos de formação de lideranças dados por dioceses e paróquias, pastorais e movimentos da Igreja catarinense. Para tanto, é preciso que esses cursos se adequem ao regulamento dos cursos de extensão da FACASC.

Visita dos bispos catarinenses

A FACASC e o ITESC (Instituto Teológico de Santa Catarina) receberam, na manhã do dia 27 de fevereiro, a visita dos bispos catarinenses, primeiros responsáveis por ambas das instituições. Após a celebração eucarística, os bispos reuniram-se com os estudantes. Na ocasião, os estudantes levantaram questionamento sobre a atual matriz curricular da FACASC, que contempla carga horária muito reduzida na disciplina dos Evangelhos Sinóticos em relação à anterior matriz curricular do ITESC. Na segunda parte da manhã, os bispos encontraram-se com os professores. Os bispos foram informados, entre outros temas, sobre a implantação do programa de bolsas de estudo, a política de pesquisa e de iniciação científica, a criação da Associação Paulo Bratti e sobre a aquisição do sistema UNIMESTRE de gestão acadêmica. O diretor Pe. Vitor Galdino Feller comunicou aos bispos o número de estudantes matriculados e pediu apoio no sentido de incentivarem suas dioceses e paróquias no envio de lideranças para fazer um dos cursos oferecidos pela FACASC, seja de graduação, pós-graduação ou extensão. Na sequência, a direção também verbalizou as carências da Instituição destacando a necessidade de mais professores e de uma maior valorização dos mesmos. No sentido das carências o diretor também assuntou sobre as necessidades de reformas no prédio. A questão levantada anteriormente pelos estudantes a respeito



da carga horária dos Evangelhos Sinóticos foi trazida pelos bispos na reunião com os professores. O professor Celso Loraschi, coordenador do curso de teologia, disse que a observação é procedente e, completando, o diretor lembrou que, ainda este ano, terá início a revisão da matriz curricular do curso de teologia da FACASC.

Pe. Ney termina sua participação na Pontifícia Comissão Bíblica

No dia 12-04, com a audiência concedida pelo Santo Padre Francisco aos 20 membros da Pontifícia Comissão Bíblica, encerrou-se a participação do Pe. Ney Brasil Pereira, professor do ITESC, nesse organismo da Santa Sé, para o qual ele foi nomeado em 2001, pelo papa João Paulo II. A nomeação vale por um período de 5 anos, durante o qual a Comissão se reúne uma vez por ano e debate um tema, proposto pela Congregação da Doutrina da Fé. A nomeação pode ser confirmada para um segundo período de 5 anos, o que aconteceu com Pe. Ney, confirmado na Comissão por Bento XVI, em 2008. O tema do primeiro turno, 2002-2007, foi “**Bíblia e Moral**”, que resultou num documento com esse título, publicado em 2008 (aqui no Brasil, por Ed. Paulinas, 2009, em tradução do original italiano pelo Pe. Ney). Para este segundo turno (2009-2013), o tema foi “**Inspiração e Verdade da Bíblia**”, tema pedido pelo Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, em 2008, e mencionado na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de Bento XVI em 2010. Os trabalhos da Comissão resultaram num documento com esse título, o qual, porém, ainda deve ser aprovado pela Congregação da Doutrina da Fé, para, então, ser traduzido e publicado.

A **Pontifícia Comissão Bíblica** é um organismo criado em 1903 pelo Papa Leão XIII, como uma Comissão de Cardeais, naturalmente assessorados por peritos em exegese bíblica. Após o Vaticano II, a Comissão foi reformulada por Paulo VI, em 1971, transformando-se em órgão consultivo da Congregação da Doutrina da Fé, e sendo constituída não mais por Cardeais, mas por 20 exegetas de vários países, nomeados diretamente pelo Papa. Da Comissão agora cessante faziam parte 3 italianos, 2 franceses, 2 alemães, 2 americanos, 2 espanhóis, 1 mexicano, 1 argentino, 1 brasileiro (Pe. Ney), 1 nigeriano, 1 indiano, 1 coreano, 1 polaco, 1 irlandês, e 1 maltês.

A audiência, concedida na “Sala dos Papas”, no Palácio Apostólico do Vaticano, começou com uma saudação ao Santo Padre pelo Arcebispo **Gerhard Müller**, atual Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.



Ele referiu-se à maneira como a Comissão abordou o tema proposto, “Inspiração e Verdade da Bíblia”, sem deixar de enfrentar alguns dos mais prementes desafios que encontra a leitura bíblica. Assim, a questão da verdade histórica e, também, a da violência de certos textos.

O discurso do **Papa Francisco**, breve, como aliás têm sido assim as suas alocuções, insistiu na unidade entre a Escritura e a Tradição. Disse, textualmente: “Exatamente porque o horizonte da Palavra Divina se estende para além da Escritura, é necessária, para compreendê-la adequadamente, a constante presença do Espírito Santo, que guia à “plena Verdade” (cf. Jo 16,13).

É preciso colocar-se na corrente da grande Tradição que, sob a assistência do Espírito Santo e a orientação do Magistério, reconheceu os escritos canônicos como Palavra dirigida por Deus ao seu povo, e jamais cessou de meditá-los e de neles descobrir suas inexauríveis riquezas.”

Sua palavra final, diretamente aos membros da Comissão, referiu-se a Nossa Senhora: Ela, “modelo de docilidade e obediência à Palavra de Deus, vos ensine a acolher plenamente a riqueza inexaurível da Sagrada Escritura, não só através da pesquisa intelectual, mas na oração e em toda a vossa vida de crentes, sobretudo neste *Ano da Fé*. Assim, o vosso trabalho verdadeiramente contribuirá a fazer brilhar a luz da Sagrada Escritura no coração dos fiéis.”

II Jornada Brasileira de Estudos Patrísticos no Exterior

Conforme previsto no calendário, aconteceu em Roma no dia 07 de maio pp., no Pontifício Instituto Oriental, sessões vespertinas, e no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, sessão noturna, a **II Jornada Brasileira de Estudos Patrísticos no Exterior**, coordenada pelo nosso Professor de Patrística, Pe. Dr. Edinei da Rosa Cândido.

Foi uma ocasião oportuna para socialização de trabalhos acadêmicos e atualização acerca da pesquisa patrística desenvolvida por estudantes brasileiros no exterior. Com a fundação da ABEPatri – Associação Brasileira de Estudos Patrísticos todos esperam encontrar um espaço para trabalho de conjunto entre patrólogos e interessados pelos Estudos Patrísticos no Brasil.

O evento contou com a participação de mais vinte estudantes brasileiros dos programas de Mestrado e Doutorado das pontifícias universidades romanas e antecipou-se ao XLI “Incontro di Studiosi dell’ Antichità Cristiana”, ocorrido entre os dias 9 e 11 de maio pp., no Instituto Patrístico Augustinianum.



NOTÍCIAS DO REGIONAL SUL 4 – CNBB

CIMI Sul lança caderno contra PEC que ameaça terras indígenas

O caderno “PEC 215: ameaça aos direitos dos povos indígenas, quilombolas e meio ambiente” foi lançado pelo Conselho Indigenista Missionário Regional Sul 4 na aldeia Morro dos Cavalos na Grande Florianópolis, dia 23 de abril. Objetivo do organismo, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, é debater as implicações dessa Proposta de Emenda à Constituição.

O missionário Clovis Brighenti explicou que os parlamentares pretendem “ter o poder de demarcar não só as terras indígenas mas, também, as áreas quilombolas e de conservação, como reservas florestais”. Para ele, a PEC “é uma das ameaças mais contundentes aos direitos dos povos indígenas”.

Um trecho do caderno diz que “passar a responsabilidade da demarcação das terras aos deputados é o mesmo que dizer que os indígenas não possuem o direito originário”, pois, se aprovada PEC, as homologações dependerão de negociações políticas. Atualmente a competência é do Poder Executivo. Brighenti afirmou que é necessária pressão para que parlamentares não aprovem a proposta. Para isso, o caderno relaciona os nomes e correios eletrônicos dos deputados federais de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

A recente criação de um colegiado composto de dez deputados e de representantes das comunidades indígenas para discutir questões relacionadas às demarcações, entre elas a PEC 215, é tido como resultado do protesto realizado em Brasília no dia 16. Centenas de índios ocuparam vários espaços da Câmara e, inclusive, o plenário da Casa, durante sessão. A cacique Eunice Antunes contou que, inicialmente, o objetivo não era entrar no Congresso.

– Aconteceu uma coisa muito forte nesse dia. Deus colocou a sua mão naquele momento. Íamos só fazer um ritual na frente [do Congresso], mas de repente a porta se abriu – contou. Ela acredita que a força dos povos indígenas unidos pode “enterrar a PEC” porque, agora, “eles [os deputados] terão que pensar bastante [antes de aprová-la]”.

O lançamento do caderno foi acompanhado por lideranças da comunidade, professores e estudantes das universidades federal e estadual de Santa Catarina, além de representantes de pastorais sociais da Igreja Católica. Na ocasião, também aconteceu o lançamento do livro “A terra que volta ao verdadeiro dono”, que conta a história das aldeias Guarani ao longo do litoral catarinense.



CNBB Sul 4 homenageia empresa que transportou símbolos da JMJ em SC

O grupo de empresas responsáveis pelo transporte e logística da Peregrinação da Cruz da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) em Santa Catarina recebeu um troféu em acrílico, oferecido pelo Regional Sul 4 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A entrega aconteceu na manhã do dia 26 de março, em Itajaí.

Diante dos funcionários, os proprietários José Salvelino Dalçóquio e Cícero Humberto Ferrari receberam o agradecimento do presidente do regional, arcebispo Dom Wilson Tadeu Jönck. Na entrega, o prelado afirmou que não é possível retribuir o “grande favor que a empresa prestou para a Igreja em Santa Catarina”. Ele também lembrou que esta “foi uma contribuição muito importante para a JMJ”, prevista para acontecer no Rio de Janeiro, em julho.

O secretário-executivo do regional, Ademir Freitas, lembrou que o Conselho Regional de Pastoral “foi unânime ao avaliar positivamente o uso do caminhão”. Uiliam Dalpiaz, coordenador regional da Pastoral Juvenil lembrou que o evento é raro e “daqui a 50 anos poderemos olhar para a história e lembrar o que vocês fizeram”.

Cícero, responsável pela Ferrari Logística, disse que, “além de ter sido uma honra, esse trabalho foi emocionante”, ao recordar momentos do qual participou. Ele também ressaltou a importância do trabalho realizado por Alexandre da Silva, funcionário encarregado pela operacionalização logística da empresa. Um troféu extra foi entregue ao padre Josemar Silva. Foi sua a iniciativa de contactar os empresários para disponibilizar um veículo adequado para o transporte da Cruz e do Ícone de Nossa Senhora.

Os suportes construídos pelos funcionários permitiram que os símbolos fossem transportados montados e visíveis. Todos os custos, incluindo o combustível, foram doados pelas duas empresas. Em Santa Catarina, o caminhão percorreu 6.116 quilômetros e consumiu 848 litros de diesel. O caminhão também atuou no Paraná, em que 898 litros de combustível foram consumidos em 5.472 quilômetros.

“Cruz do Ano Santo”, “Cruz do Jubileu”, “Cruz Peregrina” ou “Cruz dos Jovens”, é uma cruz de 3,8 metros. Após a Semana Santa de 1.983, o Papa João Paulo II deu-a aos jovens do Centro Juvenil Internacional São Lourenço, em Roma. Desde então, tem sido levada para as jornadas mundiais, em várias partes do mundo. Desde 2003, por iniciativa do mesmo Papa, ela está sendo acompanhada pelo ícone de Maria (Quadro de Nossa Senhora).



Mais um livro do Pe. Valter

GOEDERT, Valter Maurício. *A Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II: A Sacrosanctum Concilium a seu alcance.* São Paulo, Editora Ave-Maria, 2013, 144 p.

Citamos a Introdução do autor: “Por ocasião dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, muitas publicações vêm refletindo sobre os diferentes aspectos da reforma conciliar, todas elas pertinentes e valiosas. O Concílio propôs uma fonte inesgotável de elementos fundamentais da vida da igreja no diálogo com a pós-modernidade, que precisam ser continuamente aprofundados diante da nova evangelização.

O livro que ofereço aos agentes de pastoral tem por objetivo retomar temas importantes da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, visando a uma melhor compreensão das orientações conciliares no tocante à celebração do mistério pascal de Jesus Cristo. Como ação de Cristo e de seu Corpo, que é a Igreja, a liturgia constitui ‘uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja’.

Espero contribuir para que possamos não somente redescobrir as riquezas que o Concílio nos deixou como herança, mas também tirar desse tesouro ‘coisas novas e velhas’ (cf Mt 13,52).”

Do Prefácio, escrito pelo prof. Carlos Martendal: “Ler o que Pe. Valter escreve a respeito da *Sacrosanctum Concilium* é perscrutar o documento conciliar com um novo olhar, com um entendimento que vai superando as dificuldades e descobrindo os benefícios presentes e futuros que a nova norma da Igreja traz para nossas celebrações. [...] Quanto mais entendermos a ação litúrgica de que participamos, mais poderemos alimentar-nos dela, transformando a nossa vida. Compreenderemos para amar e amaremos para compreender, suscitando em nossos corações ‘um novo fervor, um novo amor, como que um novo espírito’ (Paulo VI). E, assim, daremos glória a Deus e nos santificaremos. Isso também será possível graças a este excelente livro.”

O livro se estrutura em quatorze pequenos capítulos: 1. A liturgia no Concílio Vaticano II. 2. Princípios gerais da reforma litúrgica. 3. A liturgia, momento histórico da salvação. 4. Liturgia, celebração do mistério pascal. 5. Liturgia, exercício do sacerdócio de Cristo. 6. Sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis. 7. Participação na liturgia. 8. Pastoral litúrgica. 9. O mistério eucarístico. 10. Os sacramentos. 11. Os sacramentais. 12. A Liturgia das Horas. 13. O ano litúrgico. 14. Música sacra e arte sacra.